

**DOS BORDÕES AOS EFEITOS DE SENTIDOS NO SERIADO CHAVES: UMA
ANALISE DISCURSIVA**
FROM CATCHPHRASES TO THE MEANING EFFECTS IN THE TV SERIES *EL
CHAVO DEL OCHO*: A DISCURSIVE ANALYSIS

Claudemir dos Santos Silva
Universidade Católica de Pernambuco
claudemirsilva711@gmail.com

Érika Maria Asevedo Costa
Universidade Católica de Pernambuco
erikacostalinguagem@gmail.com

Nadia Pereira da Silva Gonçalves de Azevedo
Universidade Católica de Pernambuco
nadiaazevedo@gmail.com

RESUMO: Inegavelmente a mídia televisiva exerce uma grande influência sobre os sujeitos. Sua programação é um fértil terreno de criações de linguagem, sendo, então, os bordões, exemplos de expressões que se tornam parte do cotidiano dos sujeitos. E nesse contexto, o seriado Chaves, há mais de 40 anos, tem sido sucesso na televisão brasileira, onde os episódios, a caracterização das personagens e os bordões revelam discursos, que entre os seus muitos efeitos de sentidos revelam críticas sociais e nessas relações uma nítida luta de classes. Desse modo, este artigo pretende identificar e analisar a formação discursiva e ideológica em que estão inscritos os personagens dona Florinda e Quico, bem como, os efeitos de sentidos que ecoam a partir dos seus famosos bordões: “*Vamos tesouro! Não se misture com essa gentinha – Gentalha, gentalha!*”, demonstrando que todo discurso é uma construção social, não individual, e que só pode ser analisado considerando seu contexto histórico-social e suas condições de produção. Para tal empreendimento, utilizaremos como *corpus* discursivo um vídeo que circula na mídia digital e corresponde ao episódio “A sociedade”. Logo, a Análise do Discurso de linha francesa (AD) fundada por Michel Pêcheux e desenvolvida no Brasil por Eni Orlandi e outros estudiosos, será nosso dispositivo teórico e analítico. Portanto, a partir das reflexões desenvolvidas, nesse trabalho, é notório que determinados bordões apresentados por personagens de programas televisivos sejam incorporados ao vocabulário cotidiano de jovens, crianças e adultos, a partir de associações e identificações imediatas.

Palavras-chaves: Bordões, Discursos, Efeitos de sentidos, Dona Florinda, Quico.

ABSTRACT: Undoubtedly, the television media has a big influence on people. Their shows are very prolific for language creations and the catchphrases are a representative example of expressions that become frequent in people’s daily lives. In this framework, the TV series *El Chavo del Ocho* has been very successful in the Brazilian TV for more than 40 years in which the episodes, the characters and the catchphrases convey social criticisms and a very explicit class struggle. In this way, this article aims at identifying and analyzing the discursive and ideological formation in which the characters Doña Florinda and Quico are implicated as well as the meaning effects that echo from the famous catchphrases: “*Vamos, Tesouro! Não se misture com essa gentinha – Gentalha, gentalha!*”(in the English dub: Let’s go, muffin! Get away from this low life – Low life, low life!), demonstrating that every discourse is a non-individual social construction and that it can only be analyzed considering its socio-historic context and conditions of production. For that, we use as a discursive *corpus* a video that circulates in the digital media of the episode “*A sociedade*”. Therefore, the French Discourse Analysis (DA), founded by Michel Pêcheux and developed in Brazil by Eni Orlandi and other scholars, will be our theoretical and methodological device. In conclusion, it is notorious that some TV characters’ catchphrases are incorporated to the daily vocabulary of adolescents, children and adults by the means of immediate associations and identifications.

Keywords: Catchphrases, Discourses, Meaning effects, Donã Florinda, Quico

Introdução

A televisão ocupa um papel preponderante na formação do discurso dos sujeitos, uma vez que esta é onipresente em quase todos os lares, por isso, tem um lugar significativo na vida do ser humano. Companheira inseparável de muitos, Holanda (2014, p.15), afirma: “diversão para uns, trabalho para outros e instrumento de formação de pensamentos, assim é a televisão¹ que mesmo na era da tecnologia, onde a conectividade está nos celulares, tabletes e notebooks, a TV ainda continua sendo a preferida de muitos” (HOLANDA, 2014, p.15). Nesse ínterim, nos anos 1950, a televisão era operada como uma extensão do rádio, de quem herdou os padrões de produção, programação e gerência, envolvidos num modelo de uso privado e exploração comercial. Sem dúvidas, a TV com o passar dos anos veio se modificando, através das programações diversas como: telejornais, novelas, programas de auditório e por aí vai. Entre as inovações da programação televisiva, uma das atrações que mais se destacam são os seriados² que “é um formato-padrão relativamente fácil de produzir, algumas séries saíram de filmes e comerciais e vice-versa e permanecem no ar por décadas” (SOUZA, 2004, p.133).

Os programas apresentados pela televisão brasileira, dessa forma, são considerados formas de expressões culturais e artísticas. Geram, também, a refletividade nos indivíduos que os assistem; uma espécie de autoquestionamento onde, na comparação de suas vidas com o que veem na tela, são tocados não só em suas alegrias e sofrimentos, mas também nas escolhas e necessidades. Tal influência não se dá de forma passiva, de acordo com Costa e Fortuna (2013), como consideravam os primeiros estudos em comunicação de massa, pois “somos capazes de criticar positiva ou negativamente, aceitar ou rechaçar, nos identificarmos ou não com o que lemos, ouvimos e/ou vemos” (COSTA; FORTUNA, 2013, p. 01).

¹ - Em 18 de setembro de 1950, às 17 h, São Paulo, ocorreu a primeira transmissão de imagens no Brasil pela TV Tupi-Difusora uma emissora dos Diários Associados de Assis Chateaubriand. Sendo o primeiro país da América Latina a ter uma faixa de frequência reservada para as transmissões de televisão e o sexto no mundo, perdendo apenas, para Inglaterra, Estados Unidos, França, Alemanha e Holanda. O termo “Televisão” é muito amplo e se aplica a uma gama imensa de possibilidades de produção, distribuição e consumo de imagens e sons eletrônicos (HOLANDA, 2014).

² - Os seriados podem ser encaixados na maneira ficcional (uma historia criada para com uma sequência de capítulos) ou documental que se encaixam em documentários sobre cotidiano, vida selvagens ou qualquer outro tipo de assunto específico (MACHADO, 2002).

Nesse enquadramento, é indispensável salientarmos que há uma crítica ao poder que a mídia tem, sendo chamado de 4º poder, surgindo a partir de meados do século XIX, conforme Netto (2013), enquanto representação no meio de sociedades democráticas: um órgão responsável por fiscalizar os abusos dos três poderes originais (Legislativo, Executivo e Judiciário). Esse poder, representado pela imprensa, teria como dever denunciar violações dos direitos nos regimes democráticos – o que ocasionalmente não acontece – nos quais as leis são votadas “democraticamente” e os governos são eleitos pelo sufrágio universal. Hoje, tal poder é orientado por um feixe de grupos econômicos, financeiros e de empresas globais. A revolução midiática agrupa uma imprensa centralizadora e por vezes totalitária, que já possui autonomia, autoridade e controla o fazer jornalístico, cinematográfico, editorial, como um tentáculo sem fim.

A partir das questões, postas até então, enquadrados como um dos grandes sucessos da televisão aberta brasileira, ininterruptamente, o seriado Chaves, que ao longo de 40 anos já faz parte da nossa cultura, onde os episódios, a caracterização das personagens e alguns bordões como: “*Foi sem querer, querendo*”, “*Sim, pois é, pois é, pois é!*”, “*A quem você está chamando de bruxa?*”, entre outros, revelam discursos carregados de críticas sociais, mostrando efeitos de sentidos que muito se equiparam a nossa realidade humana, com isso, o programa mexicano virou hoje ícone da cultura popular no Brasil. Na mídia televisiva, especificamente, os bordões, trazem carga de humor, drama, medo, marcam personagens historicamente e se eternizam na linguagem popular. Eles passam a fazer parte da vida do telespectador, que se adapta facilmente à sua maneira de agir, expressar-se, o que comprova sua importância social. Mas, na verdade, Reis (2011), esclarece que o bordão constitui uma forma de conhecimento do homem, das lutas e cultura de um povo, onde a utilização linguística dessas expressões não deve ser desprezada, dada à sua relevância histórica, social e cultural. Sob esse prisma, “a linguagem seguindo as mudanças de hábitos e regras associadas à experiência acumulada e à cultura, oferece condições de alterar usos vocabulares, modificando-os conforme a apropriação do ouvinte” (REIS, 2011, p. 17).

Desta forma, este artigo pretende identificar e analisar a formação discursiva e ideológica em que estão inscritos os personagens dona Florinda e Quico, bem como, os efeitos de sentidos que ecoam a partir dos seus famosos bordões: “*Vamos tesouro! não se misture com essa gentalha – Gentalha, gentalha!*”, a fim de se demonstrar que o

discurso não é uma construção individual, mas social, a partir de uma dada conjuntura sócio-histórico-cultural e suas condições de produção. Levando em consideração todos esses aspectos, para nosso estudo, teremos como ancoragem, isto é, procedimento teórico-metodológico para subsidiar as análises do *corpus* discursivo, a Análise de Discurso de linha francesa (AD) fundada por Pêcheux e desenvolvida no Brasil por Orlandi e estudiosos.

1. Os bordões: a eternização discursiva dos seus dizeres

Historicamente, desde a Idade Média, o conceito de jargões sofrera alterações. Inicialmente, a palavra descrevia o gorjeio dos pássaros e também a fala incompreensível: "*jargon*", em francês e "*gargle*", em inglês, saem da mesma raiz, correspondentes "tagarelice" ou "lengalenga". Por volta do século XVI o vocábulo já havia se espalhado, de acordo com Burke e Porter (1996) para o italiano "*gergo*" ou "*zergo*", espanhol "*jerga*" ou "*jeringonza*" e português "geringonça". Ao se espalhar de uma língua para outra, o "termo ganhou o sentido de gíria de submundo, em português, chamada de "calão"" (BURKE; PORTER, 1996, p. 12).

A partir do século XIX, o bordão passou a designar as linguagens técnicas, com o surgimento das profissões, quando os especialistas começaram a marcar seus territórios temáticos, criando novos jeitos de falar. Portanto, é "toda aquela palavra ou frase que se repete inconscientemente" (BURKE; PORTER, 1996, p.15), no sentido de virar uma marca, um refrão; uma frase, não raro de duplo sentido, que um personagem dispara em determinadas situações, provocando gargalhadas quase automáticas e que funciona muito bem em programas de humor ou em novelas de televisão. O bordão, segundo Reis (2011) trata-se, ainda, de "uma forma de linguagem utilizada em todas as espécies de programas televisivos: humorísticos, novelas, programas de auditório, propagandas comerciais" (REIS, 2011, p. 16). Vale salientar que na AD o sentido não é colado na palavra, com isso, compreendemos que ao serem pronunciados pelos sujeitos, os bordões reverberam efeitos de sentidos que podem expressar situações desde o drama até a comédia, fazendo-os identificarem-se com tais enunciados. Com isso, ocorre uma empatia linguística uma vez que os telespectadores se adaptam à maneira de falar da televisão.

Sabemos que a TV, como dito anteriormente, tem um peso preponderante no cotidiano das pessoas, causando o assujeitamento à mídia, ao quarto poder, gerando um

povo que apenas “recebe” informações sem resistência, onde há, infelizmente, uma alienação coletiva, sem crítica. Nesse enredo, o quarto poder do século XXI, de acordo com Netto (2013) promove obstáculos linguísticos entre a informação livre e os espectadores, compostos pela circulação demasiada das notícias, o chamado “bombardeio informativo”, recheado de novas roupagens que desviam a atenção e/ou superficializam o conteúdo, em uma espécie de “manobra” para que o “receptor”, não sendo um interlocutor, não perceba quais outros enunciados lhe são ocultados e dissolvidos pela “censura”.

Dessa maneira, o amplo recebimento de numerosas notícias limita o acesso à informação, que é uma ponte para a cidadania, conseqüentemente, esse mecanismo atrofia, inclusive, o desenvolvimento intelectual da “massa”, como uma espécie de “escravidão da consciência”, bloqueando a construção de uma opinião pública realmente com criticidade e reflexão. Sendo assim, os bordões, principalmente os advindos da rede televisiva, contaminam o público e “caem na boca do povo”. Alguns são passageiros, marcam uma época e somem; outros sobrevivem, são eternizados e logo incorporados à nossa linguagem do dia-dia.

2. Analisando um segmento discursivo a partir do episódio “A sociedade” do seriado Chaves

Como marcado, anteriormente, a AD, neste trabalho, será utilizada como teoria e procedimento de análise e visa a compreender como um objeto simbólico produz sentidos. Desta maneira, o trabalho de análise inicia-se pela configuração do *corpus*, “delineando-se seus limites, fazendo recortes, retomando-se conceitos e noções que demandam um ir-e-vir constante entre teoria, consulta ao *corpus* e análise. Esse procedimento dá-se ao longo de todo o trabalho” (ORLANDI, 2013, p.66).

Para a análise, procedemos ao recorte, que já é uma marca de interpretação e, ao analista, é impossível analisá-lo à distância (PÊCHEUX, 1994), formando então, sequências discursivas, entendidas como “as sequências orais ou escritas de uma dimensão superior a frase, mas considera essa noção vaga (COURTINE, 2009, p.55).

Sendo assim, a seguir, para melhor se compreender a proposta teórico-metodológica da AD, bem como, mais de seus conceitos teóricos basilares, tratar-se-á de identificar e analisar a formação discursiva e ideológica em que estão inscritos os personagens dona Florinda e Quico, bem como, os efeitos de sentidos que ecoam a

partir dos bordões: “*Vamos tesouro! Não se misture com essa gentalha – Gentalha, gentalha!*”, extraído da mídia *online* e corresponde ao episódio “A sociedade” do seriado Chaves, com isso, constituímos sequências discursivas.



Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aSkZr4ndl5Y>. Acesso em 30 de ma. de 2017.

Sequência Discursiva

- Dona Florinda (1):** – Vai, vá buscar isso aqui de pão, vá...
- Quico (1):** – Só essas três moedinhas?
- Dona Florinda (2):** – Euuu sinto muito, tesouro, mas enquanto não chegar o cheque da nossa pensão, teremos que economizar em algumas coisas...
- Quico (2):** – Hum... E com quê você vai comprar os meus brinquedos?
- Dona Florinda (3):** – Eu não sei tesouro...
- Quico (3):** – Hum...Mas eu sei! Uma barraquinha de sanduíches no mercado...
- Dona Florinda (4):** – Hã?
- Dona Florinda (5):** – Nem de brincadeira diga essas coisas! O que diriam os nossos amigos da alta sociedade se dona Florinda e o seu herdeiro comesçassem a vender coisas pela rua?
- Seu Madruga (1):** – Você deve ter muito dinheiro, não?!
- Quico (4):** – Claro que eu tenho muito dinheirooo!
- Dona Florinda (6):** – Bom, tesouro, isso não é assunto pra gente ficar discutindo na frente de todos...
- Quico (5):** – Tá bom, eu não vou ficar dizendo por aí, que a minha mãe já costurou tanto as minhas meias que até parece joelheiras de goleiro...
- Dona Florinda (7):** – Tesouro, Quico!
- Dona Florinda (8):** – E pra ser sincera, a situação está muito difícil, principalmente, para uma mulher da minha linhagem.
- Chaves (1):** – Que plumagem?
- Dona Florinda (9):** – Linnhagemmmm, molequinho ignorante!
- Dona Florinda (10):** – Hum, não se pode rebaixar e aceitar qualquer trabalho, quando se é lá da alta...
- Dona Florinda (11):** – O que está insinuando, que eu faça churros e saia vendendo aí pelas ruas?
- Seu Madruga (3):** – Não, mas que a senhora faça e eu os venda... Será um grande negócio, dona Florinda, um grande negócio!
- Dona Florinda (12):** – Bom, e como vai ser a nossa divisão?
- Seu Madruga (4):** – Bom, é ...40 e 60%
- Dona Florinda (13):** – 60 para mim e 40 para o senhor?
- Seu Madruga (5):** – Não, 60 para mim e 40 para senhora!

Dona Florinda (14): – Se eu vou comprar tudo, vou fazer os churros e o senhor ainda vai ganhar mais do que eu?

Seu Madruga (6): – E eu pra vendê-los terei que usar o dom da minha palavra e o meu poder de persuasão

Quico (6): – Sim, mamãe! E eu vou sair para vender os churros!

Dona Florinda (15): – Você não vai vender nadaaa!

Dona Florinda (16): – Vamos, tesouro! Não se misture com essa gentalha, não se pode fazer negócios com a gentalha...

Quico (7): – Gentalha, gentalha!

Partindo do princípio, conforme Leandro Ferreira (2001) de que uma Formação Discursiva (FD) é considerada matriz de sentidos e elemento regulador do que ao sujeito é permitido ou não dizer, a manifestação que aparece no discurso de uma determinada formação ideológica, logo, torna-se mais compreensível, no seriado Chaves, a posição e conseqüentemente, os discursos da personagem dona Florinda, que entre os efeitos de sentidos, parece vangloriar-se por advir de uma família da elite, hoje em decadência, mas mantém a pose, o *status* que lhe resta, inclusive, por ter casado com um capitão da Marinha. Nessa contextura, em AD, ao tratarmos de discurso, é necessário considerarmos seu atravessamento sócio-histórico, filosófico, político, ideológico e cultural. Portanto, em meio a todo este atravessamento, o sujeito, é ao mesmo tempo o da ideologia e do desejo inconsciente e isso tem a ver com o fato de nossos corpos serem atravessados pela linguagem antes de qualquer cogitação (HENRY, 1992).

Após a viuvez, a personagem passa a educar sozinha seu único filho, Frederico (Quico) e, como mãe superprotetora, cria-o envolto por discursos carregados de dengos e regalias, revelando-se um sujeito que fora educado numa Formação Discursiva (FD) elitizada, ou seja, “tal mãe, tal filho” (1): *Só essas três moedinhas?* Desta feita, entendemos que o discurso é constituído pela língua posta em funcionamento por indivíduos interpelados em sujeitos através da ideologia e produz sentidos inseridos em uma dada conjuntura social, conseqüentemente, “a produção do discurso acontece por meio da instância da história em sua relação com a língua(gem) onde sabemos que a ideologia se materializa” (FERREIRA, 2015, p.47).

Aos olhos de toda a vizinhança, mãe e filho parecem viver muito bem financeiramente, no entanto, após a morte trágica de seu esposo, ambos passam a morar na vila, casa de número 14, e recebem uma pensão da marinha (2): *Eu sinto muito,*

tesouro, mas enquanto não chegar o cheque da nossa pensão, teremos que economizar em algumas coisas. Com isso, a partir do enunciado em destaque, fica nítido que tudo não passa de aparência, quando, mesmo apertada, ela cria o garoto a “pão de ló”: *Hum... E com quê você vai comprar os meus brinquedos?* Quico é o “tesouro”, mimo e xodó, de sua mãe e ela além de superprotegê-lo, quase sempre, faz os seus gostos. E, com o desejo de serem atendidos os seus mandos e desmandos, o garoto, uma vez mais (3): *Hum...Mas eu sei! Uma barraquinha de sanduíches no mercado.* Ao materializar esse discurso, causa repúdio em sua figura materna (4): *Hã?* (5): *Nem de brincadeira diga essas coisas! O que diriam os nossos amigos da alta sociedade se dona Florinda e o seu herdeiro começassem a vender coisas pela rua?* É por meio do funcionamento discursivo, Ferreira (2015, p.47), que se percebe a constituição dos sentidos, “estes, por sua vez, instauram-se nas grandes formações sócio-históricas que determinam as formações ideológicas em que os discursos estão inscritos”.

Num dado momento da discussão entre os sujeitos-moradores da vila, seu Madruga pergunta para o filho da dona Florinda (1): *Você deve ter muito dinheiro, não?!* E ele responde (4): *Claro que eu tenho muito dinheiroooo!* Mãe e filho sempre esbanjam uma “suposta” riqueza para outros moradores da vila, ostentando uma posição social supostamente superior aos demais, por isso, justifica-se a pergunta do vizinho, que desconfia de algo errado e na verdade a “realidade” é bem diferente. E esse viver de aparência ressoa quando a mãe diz para o filho (6): *Bom, tesouro, isso não é assunto pra gente ficar discutindo...* Cabe aqui, reiterarmos que uma FD “corresponde a um domínio de saber, constituído de enunciados discursivos que representam um modo de relacionar-se com a ideologia vigente, regulando o que pode e deve ser dito” (PÊCHEUX, [1975], 1988, p.160). É, ainda, “o lugar do sentido, lugar da metáfora, é função da interpretação, espaço da ideologia” (ORLANDI, 1996, p. 21). Portanto, mãe e filho ocupam um espaço que os circunscrevem a uma ideologia que os faz sentirem-se social, cultural e economicamente superiores: *“Claro que eu tenho muito dinheiroooo!”*, em relação aos outros moradores da vida.

Na concepção da AD, todo discurso tem sujeito, e todo sujeito tem ideologia, tomando por Formação Ideológica (FI) ou *ideologia* “o efeito da relação do sujeito com a língua e história para que se signifique” (AUTHIER-REVUZ, 2001, p. 48). Em meio ao funcionamento discursivo há um deslocamento do conceito sociológico de ideologia

Orlandi (1994) para o conceito discursivo do termo. A ideologia não se apresenta como ocultação ou dissimulação, mas como transposição (simulação) de sentidos em outros, pela relação necessária com o imaginário, que atravessa a relação linguagem/mundo, determinado pela história num dado estado da formação social. Além do mais, a ideologia é inconsciente e materializada no discurso (ORLANDI, 1994). A partir da conceituação de FD e FI, constatamos através dos segmentos discursivos, postos em destaque, a inscrição de dona Florinda e o seu filho Quico, pois creem que, ainda, vivem numa situação de riqueza por serem os que têm os melhores dotes financeiros da vila, quando na verdade, a situação não está tão boa assim. Mas mantêm a pose, a honra e prometem que um dia ainda se mudam da vila, para ficarem bem longe dos demais vizinhos.

Nas formações imaginárias de toda vila, dona Florinda e Quico, supostamente, possuem uma vida de luxos e vivem muito bem. Todavia, num determinado momento da conversa, o garoto comete um deslize e de maneira inconsciente deixa transparecer a realidade na qual vivem ambos (5): *Bom, eu não vou ficar dizendo por aí, que a minha mãe já costurou tanto as minhas meias que até parece joelheiras de goleiro*, deixando sua mãe completamente surpreendida com a revelação das supostas privações revelada à vizinhança, e imediatamente, chama a sua atenção, repreendendo-o (7): *Tesouro, Quico!* Entre os efeitos de sentidos, podemos notar que essa personagem julga-se superior aos demais residentes da vila, às vezes, definindo-se como membro da alta sociedade, contudo, partilha do mesmo ambiente de todos, a vila, o que gera uma grande contradição.

Ainda, no decorrer da sequência discursiva, a moradora da casa 14 salienta (8): *E pra ser sincera, a situação está muito difícil, principalmente, para uma mulher da minha linhagem*. A partir do termo “linhagem”, ela refere-se a sua genealogia, circunscrevendo-se na posição de quem faz parte de uma linha de parentesco com a estirpe. Diante disso, Chaves, não compreendendo pergunta (1): *Que Plumagem?* A troca de um vocábulo pelo outro, provavelmente, causa em dona Florinda um incômodo, de maneira que, corrige-o verbalizando, enfaticamente, a palavra em sílabas (9): *Li-nha-gemmm, molequinho ignorante!* Com isso, dizer “plumagem”, ao invés de “linhagem”, possibilita-nos inferir que, inicialmente, a troca pode levar ao riso, deixando-a é claro, muito irritada. No entanto, entre os efeitos de significação, por se

achar superior em relação aos demais moradores da vila e advir de uma suposta linhagem da elite, o vocábulo “plumagem”, lembra-nos um pavão, ave bem colorida, imponente e de uma belíssima plumagem, como resultado, atentamos para uma expressão popular de sujeitos que gostam de exhibir-se e chamarem a atenção.

E é dessa forma que, possivelmente, dona Florinda sente-se diante de todos os moradores da vila e a materialização do seu discurso mostra a FD e FI de superioridade, ostentação e exibicionismo (10), na qual ela está inscrita: *Hum, não se pode rebaixar e aceitar qualquer trabalho, quando se é lá da alta*, deixando bem claro (11): *O que está insinuando, que eu faça churros e saia vendendo aí pelas ruas?* E seu Madruga já conhecendo o temperamento dela, bem como, a sua posição social e econômica, trata de esclarecer tudo (3): *Não, mas que a senhora faça e eu os venda... Será um grande negócio, dona Florinda, um grande negócio!* Todo processo discursivo, de acordo com Pêcheux ([1975], 1988), se inscreve numa relação ideológica de classes. Nesse sentido, a inculcação da ideologia dominante, apesar de ser aprendida, reforçada e perpetuada na escola não se origina nela, antes, tem origem na formação das classes sociais, no seio do próprio Estado e de seus aparelhos (ALTHUSSER, 1970).

Nestas sequências discursivas, notamos que, tanto a personagem dona Florinda, bem como, o seu Madruga estão inscritos em FD e FI completamente diferentes. Em seus discursos se inscrevem as contradições que lhes são inerentes nas relações ideológicas de classes, enunciando assim, o que acredita ser fundamental para a teoria materialista do discurso. Diremos que, “as contradições ideológicas que se desenvolvem através da unidade da língua são constituídas pelas relações contraditórias que mantêm, necessariamente, entre si, os ‘processos discursivos’, na medida em que se inscrevem em relações ideológicas de classes” (PÊCHEUX, [1975], 1988, p. 93).

Mesmo tendo sido criado na FD e FI da sua mãe, que formula dizeres de superioridade, pelos dotes financeiros, em relação a outros sujeitos, é certo que o garoto vem crescendo e reproduzindo estes discursos. Porém, na verdade, ele é uma criança de nove anos que ainda não possui maturidade para entender o que, de fato, é/seria pertencer à linhagem social. Assim, Quico gosta de brincar e, diante da possibilidade de conseguir dinheiro para adquirir mais brinquedos, chega a dizer (6): *Sim, mamãe! E eu vou sair para vender os churros!* Todavia, sua mãe sendo da “alta”, uma figura ilustre na vila, ordena (15): *Você não vai vender nadaaa!* Revelando uma mulher cheia de

preconceitos acerca da venda de churros, para ela, um trabalho destinado, às pessoas mais humildes, inferiores socialmente e desprovidas de recursos financeiros, sendo o contrário dela e do seu “tesouro”, que seriam/são superiores social, cultural e economicamente.

Neste episódio, entre outras situações, observamos a realização de um “quase negócio” entre aquela que se acha a rica da vizinhança e aquele que vive desempregado e fugindo das cobranças do aluguel do senhor Barriga. Na verdade, seu Madruga é malandro e dona Florinda é mandona, assim, um tenta obter vantagens sobre o outro. No final, a primeira sempre exerce o seu poderio sobre o último, e em todas às vezes, diz para o seu filho (25): *Vamos, tesouro! Não se misture com essa gentalha*. E, ainda, complementa/dispara: *não se pode fazer negócios com a gentalha...* É sabido que seu filho mimado e esnobe sempre reproduz dizeres apreendidos/aprendidos em casa e reproduz o discurso autoritário da mãe (11): *Gentalha, gentalha!* O exercício de poder, para Foucault (1995), não é apenas uma relação entre parceiros individuais ou coletivos, mas sim, um modo de ação de alguns sobre os outros, ou seja, as relações de poder podem existir entre um homem e uma mulher, aquele que sabe e o que não sabe, entre os pais e as crianças, na família. “Na sociedade, há milhares e milhares de relações de poder e, por conseguinte, relações de forças de pequenos enfrentamentos, microlutas, de algum modo” (FOUCAULT, 2003, p.231). Compreendemos também, que nesse bordão, a palavra “gentalha”, formulada pela mãe e endossada pelo filho, conduz-nos ao efeito de um termo pejorativo, destinado a sujeitos pertencentes a uma camada inferior da sociedade, ou seja: efeito de pessoas reles, plebe ou gatinha.

Na contextura da vila, sabemos que dona Florinda reclama da sujeira dos moradores, da bagunça feita pelas crianças que brincam no pátio e na grande maioria dos episódios vive chamando seu Madruga de preguiçoso, além disso, quando percebe que o seu filho está chorando, mesmo sem saber o motivo, corre e, imediatamente, estapeia-o, sem saber de quem tem a culpa na história. Sua atitude revela-nos um discurso autoritário, Orlandi (2011), porque sempre que se encontram existe uma completa restrição entre os interlocutores, tendo no seu bojo, a ilusão de reversibilidade, quer dizer, nessa relação discursiva, o segundo, sempre tenta explicar-se, mas, além de silenciado é esbofetado pela primeira, que simplesmente o ignora. No discurso, segundo Orlandi (2007, p.31) “o silêncio aparece como tomar a palavra, tirar a palavra, obrigar a

dizer, fazer calar, silenciar”, conseqüentemente, o silêncio não fala, ele significa, também não é ausência de palavras. Ainda, de acordo com a estudiosa, impor o silêncio não é calar o interlocutor, mas impedi-lo de sustentar outro discurso (ORLANDI, 1996).

Considerações finais

As críticas presentes no seriado Chaves, embora objetivassem retratar uma sociedade mexicana nas décadas de 1970 e 1980, revelam discursos que se aplicam com muita veemência à nossa atual conjuntura social, ou seja, contrastes, desigualdades e pobreza similares. Embora o programa, conforme Holanda (2014) seja de uma cultura estrangeira, com situações e histórias que, até então, não tinham nada a ver com a nossa realidade, logo, os personagens tornaram-se parte da cultura brasileira através de bordões. Nesse cenário, suas características e semelhanças, reportam-nos a pessoas da vida real e a luta de classes, ajudando-nos a entender melhor o universo da vila e de seus episódios que ao todo somam mais de mil e duzentos no decorrer de muitos anos do seriado.

Os episódios, a caracterização das personagens e os seus bordões, a partir, respectivamente, das FD e FI nas quais dona Florinda e o seu filho Quico estão inscritos, fazem ecoar dizeres que expressam efeitos de sentidos que constituem sujeitos que se acham superiores social, cultural e economicamente, em comparação à outros moradores da vila. E a AD, nessa conjuntura garante, no interior da luta de classes, espaço para a circulação de sentidos outros e para além das questões do humor traz em seu bojo um conscientizar-nos acerca do modelo de pirâmide social vigente, em suas classes: alta, média e baixa.

De maneira que, dona Florinda e Quico pertencem ao primeiro escalão, isto é, são/estão no topo e por isso se acham superiores. Já seu Madruga, a filha Chiquinha e o órfão Chaves são “gentalha” e padecem na esfera social. Na verdade, cada uma das personagens representa a incompletude do ser humano nas suas várias linguagens e subjetividades na esfera da sociedade, onde os discursos refletem os modos de vida encontrados cotidianamente. Nesse encadeamento de ideias, fundamentados nos dizeres de Althusser (1992, p.08), compreendemos que “o discurso é uma das formas de realização do ideológico”, de modo que a ideologia se materialize no discurso: “o mecanismo pelo qual a ideologia leva o agente social a reconhecer o seu lugar é o mecanismo da sujeição” (ALTHUSSER, 1992, p.08).

Constatamos, entre os muitos efeitos de significação, que Mãe e filho revelam dizeres com marcas de elitização, grandeza, superioridade, porque creem que ainda vivem numa situação de riqueza por serem os que têm os melhores dotes financeiros da vila, isto é, recebem uma pensão. Mas, na verdade, “vivem de aparência”, mantêm a pose, a honra e prometem que um dia ainda se mudam da vila, para ficarem bem longe dos demais vizinhos: seu Madruga, a filha Chiquinha e Chaves, inscritos numa outra FD e FI, pois ambos, de acordo com Tamborini (2012) estão convencidos de que são superiores aos demais, nos aspectos social, moral e economicamente, por isso chama os demais de “gentalha”.

Referências

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. **Palavras incertas**. As não-coincidências do dizer. Campinas-SP: Editora Unicamp, 2001.

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e Aparelhos ideológicos de estado**. Lisboa: Presença 1970.

_____. **Aparelhos ideológicos de estado**. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1992.

A Sociedade. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aSkZr4nd15Y>. Acesso em: 30 de ma. de 2017.

BURKE, Peter; PORTER, Roy. **Línguas e Jargões**: contribuições para uma história social da linguagem. São Paulo: UNESP, 1996.

Chaves. Disponível em: <http://desciclopedia.org/wiki/Chaves>. Acesso em: 06 de jan. de 2018.

Chaves: personagens e os melhores bordões. Disponível em: <http://tudoonlinevirtual.blogspot.com.br/2014/12/chaves-personagens-e-os-melhores-bordoes.html>. Acesso em: 25 de mai. de 2017.

COSTA, Dilermando Moraes.; FORTUNA, Daniele Ribeiro. O Programa do Chaves: crítica social e identidade. Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades, Número XXXVIII, (www.unigranrio.br), 2013.

Disponível em:

<http://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/reihm/article/viewFile/2062/977>.

Acesso em: 06 de jan. 2018.

COURTINE, Jean-Jacques. **Análise do Discurso Político**. O discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos: Edufscar, 2009.

Descrição dos personagens.

Disponível em: <http://chespiritoweb.atspace.com/chaves.htm>. Acesso em: 06 de jan. de 2018.

Donos dos bordões. Disponível em: <http://www.infantv.com.br/bordoes.htm>. Acesso em: 06 de jan. de 2018.

NETTO, Reynaldo Carilo Carvalho. O “Quarto Poder” e censura democrática. Observatório da Imprensa, diretório acadêmico, 2013. Disponível em: http://observatoriodaimprensa.com.br/diretorioacademico/ed765_o_quarto_poder_e_censura_democratica/. Acesso em: 27 de out. de 2017.

ORLANDI, Eni Pucinelli. **O lugar das sistematicidades linguísticas na Análise de Discurso**. *D.E.L.T.A.*, vol.10, nº 2, p.295-307, 1994.

_____. **Interpretação – autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

_____. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

_____. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. Campinas: Pontes, 2011.

_____. **Análise de discurso: princípios e fundamentos**. CAMPINAS, SP: Pontes, 2013.
PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução Eni Orlandi, Campinas, SP: Editora da UNICAMP, [1975] 1988.

_____. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, E. (org). **Gestos de leitura: da história no discurso**. Campinas – SP: Unicamp, 1994, p.55-64.

Por que assistir ao Chaves?

Disponível em: <http://www.oocities.org/br/angeldarkconsolacao/chavesechapolin.htm>.
06 de jan. de 2018.

REIS, Regina de Miranda Mukai. Os bordões criados pela tv e sua influência na linguagem cotidiana. Trabalho de Conclusão de Curso, Curso de Pós-Graduação *Latu Sensu* em Mídias Integradas na Educação da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2011. Disponível em:

<http://www.acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/33440/REGINA%20DE%20MIRANDA%20MUKAI%20REIS.pdf?sequence=1>. Acesso em: 28 de abr. de 2017.

SOUZA, José Carlos Aronchi. **Gêneros e Formatos na Televisão**. São Paulo: Summus, 2004.

TAMBORINI, Mauricio. **Chaves a história oficial Ilustrada**. São Paulo: Ed. Universal Livros, 2012.